BOCA
BOLETIM DE CONJUNTURA

A MEDIAÇÃO NO ENSINO DE LEITURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

MEDIATION IN READING EDUCATION FOR YOUNG PEOPLE AND ADULTS

LA MEDIACIÓN EN LA ENSEÑANZA DE LA LECTURA PARA JÓVENES Y ADULTOS

10.56238/bocav25n79-023

Beatriz Auxiliadora Rodrigues
Pós-graduada em Psicopedagogia; Pós-graduada em Letramento
Instituição: Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes, Prefeitura Municipal de Suzano
E-mail: beatrizauxiliadorarodrigues@se-pmmc.com.br

Marina Helena dos Santos Vieira
Pós-graduação em Educação Infantil; Pós-graduação em Gestão Escolar; Pós-graduação em Legislação Educacional; Pós-graduação em Supervisão Escolar
Instituição: Prefeitura Municipal de Mogi das Cruzes
E-mail: marinahelena304@gmail.com

RESUMO
Este trabalho busca verificar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, o processo de mediação no ensino da leitura na educação de Jovens e adultos. Buscaremos evidenciar as particularidades e potencialidades do aluno da Educação de Jovens e Adultos. Sabe-se que o professor tem como papel essencial a mediação entre o sujeito e o mundo e a mediação, segundo Vygotsky (2007), é um meio capaz de favorecer aproximação entre o sujeito e mundo, o conhecimento. Trataremos o conceito de leitura como um processo interativo, pois, segundo Kleiman (2004) é mediante a interação de diversos níveis de conhecimento linguístico, o textual, o de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto e, ainda, porque o leitor utiliza justamente diversos níveis de conhecimento que interagem entre si. Discutiremos como o ensino de estratégias de leitura é importante para a formação de um leitor crítico e proficiente.

Palavras-chave: Ensino. Leitura. EJA. Mediação.

ABSTRACT
This work seeks to verify, through bibliographic research, the mediation process in reading instruction in Youth and Adult Education. We will seek to highlight the particularities and potential of students in Youth and Adult Education. It is known that the teacher's essential role is mediation between the subject and the world, and mediation, according to Vygotsky (2007), is a means capable of fostering an approximation between the subject and the world, knowledge. We will treat the concept of reading as an interactive process, because, according to Kleiman (2004), it is through the interaction of various levels of linguistic, textual, and world knowledge that the reader is able to construct the meaning of the text, and also because the reader uses precisely various levels of knowledge that interact with each

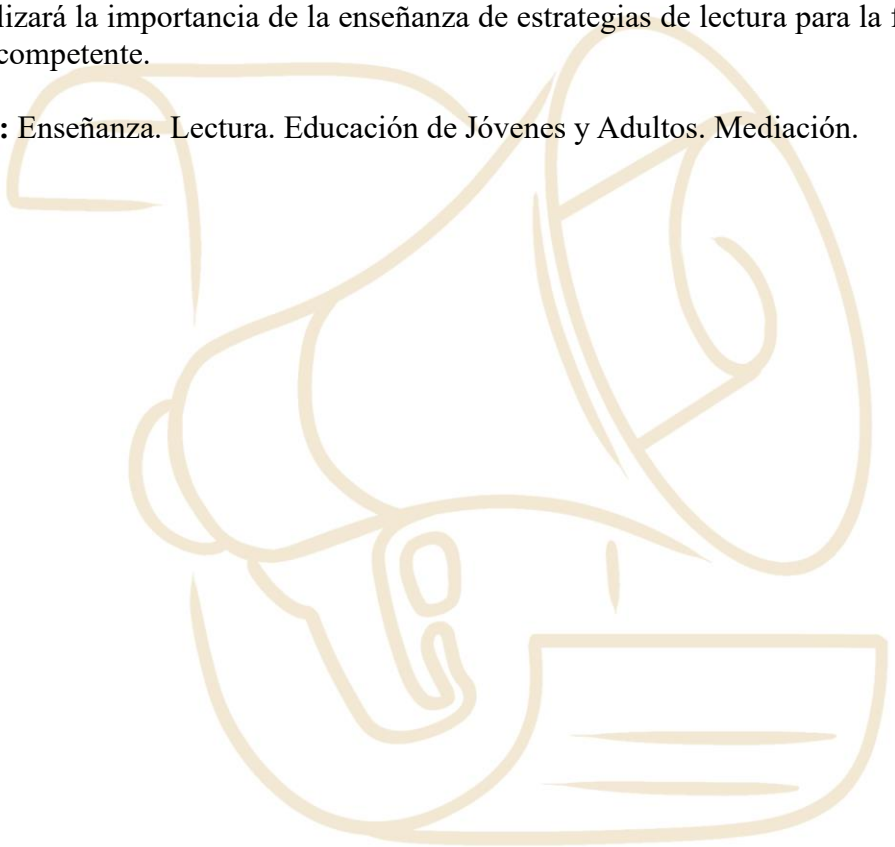
other. We will discuss how teaching reading strategies is important for the formation of a critical and proficient reader.

Keywords: Teaching. Reading. Youth and Adult Education. Mediation.

RESUMEN

Este trabajo busca verificar, mediante investigación bibliográfica, el proceso de mediación en la enseñanza de la lectura en la educación de jóvenes y adultos. Se pretende resaltar las particularidades y el potencial de los estudiantes en este ámbito. Se sabe que el rol esencial del docente es la mediación entre el sujeto y el mundo, y la mediación, según Vygotsky (2007), es un medio capaz de fomentar la aproximación entre el sujeto y el mundo, el conocimiento. Se abordará el concepto de lectura como un proceso interactivo, ya que, según Kleiman (2004), es a través de la interacción de diversos niveles de conocimiento lingüístico, textual y del mundo que el lector es capaz de construir el significado del texto, y también porque el lector utiliza precisamente diversos niveles de conocimiento que interactúan entre sí. Se analizará la importancia de la enseñanza de estrategias de lectura para la formación de un lector crítico y competente.

Palabras clave: Enseñanza. Lectura. Educación de Jóvenes y Adultos. Mediación.



1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como tema a mediação feita pelo professor no ensino de leitura na Educação de Jovens e Adultos do ponto de vista da leitura enquanto formadora do cidadão. Utiliza-se como metodologia a pesquisa bibliográfica tendo como referenciais teóricas, principalmente, Paulo Freire, Kleiman, Solé e Cafiero.

Justificamos este trabalho por se tratar de um tema de suma importância para aqueles que têm o interesse voltado para a sala de aula da EJA, em especial, no que concerne à leitura como formadora do ser que atua socialmente, mas não uma leitura da palavra por si só, já que ao saber ler e escrever, o homem é capaz de interpretar o mundo de forma crítica e agir sobre ele. Dentro da sala de aula o educador é o responsável pela mediação do conhecimento, compartilhando da realidade de cada educando e promover a compreensão do mundo e a conscientização do modo de viver. A alfabetização de jovens e adultos, portanto, insere o indivíduo no mercado de trabalho como um cidadão mais crítico que sabe lutar pelo seu crescimento profissional e intelectual.

O objetivo geral desta pesquisa é verificar, por meio de um estudo e de levantamentos bibliográficos, o papel do professor da EJA enquanto um sujeito mediador no ensino da leitura enquanto um processo interativo de comunicação.

Acreditamos que as discussões aqui empreendidas possam colaborar para uma melhor compreensão da Educação de Jovens e Adultos e para o desenvolvimento de práticas de leitura crítica nessa modalidade de ensino, de modo a respeitar as vivências e experiências que esses sujeitos carregam consigo, mas, também, a ampliar os saberes desses sujeitos, possibilitando-lhes novas experiências e novas práticas de leitura.

O ato de ler envolve o domínio de uma série de habilidades, como a localização de informações explícitas, a relação entre informações intra e intertextuais, a inferência. Esta pesquisa objetiva aprofundar a análise e proposição de intervenção em sala de aula em relação à habilidade de leitura crítica e proficiente, por perceber que, frequentemente, essa habilidade não é consolidada pelos alunos. Os mesmos apresentam, comumente, significativa dificuldade em compreender globalmente o que leu, assim como fazer inferências. Diante dessa realidade, fica evidente a necessidade de pesquisas que não apenas identifique quais as dificuldades os alunos têm na leitura, mas principalmente, apontem, por meio da pesquisa bibliográfica, possíveis caminhos que contribuam para que essas possam ser gradativamente enfrentadas e superadas.

Em relação à metodologia desta pesquisa, propõe-se uma pesquisa explicativa de caráter bibliográfico, já que, por meio dessa podemos pesquisar e identificar as razões pelas quais os alunos têm apresentado dificuldade na leitura crítica e, assim, propor uma intervenção mediada pelo professor. Segundo os procedimentos das coletas de dados, pretende-se fazer uma pesquisa de cunho

bibliográfico a fim de buscar informações que tragam respostas e explicações para a dificuldade de leitura dos alunos, em especial na habilidade de fazer inferências.

No que cerne as fontes das informações, as mesmas serão coletadas em pesquisa bibliográfica, por meio de uma pesquisa na literatura que trate das temáticas: leitura, ensino, mediação e inferência. E, ainda, em relação à natureza dos dados, a proposta é, ao final desta pesquisa, apresentar dados qualitativos, já que se pretende investigar como é possível ler melhor, de forma crítica e fazendo inferências e não quantos são capazes de fazê-lo diante de determinada situação.

2 FORMAÇÃO DE LEITORES NA EJA

O educador da EJA deve buscar sempre fazer círculos de cultura com os alunos para saber qual palavra geradora deve ser trabalhada dentro do contexto do seu dia-a-dia. Esse "método" modifica muito o aprendizado, pois esses alunos têm uma história de vida rica em conhecimentos que podem trazer da sua realidade de mundo para ser trabalhado na sala de aula.

A leitura é fundamental na vida destes educandos trazendo conhecimentos que dão significação de mundo, sendo que aquele cidadão que não poderia pegar nem um ônibus por não saber ler, com a leitura pode se tornar autônomo e independente para tomar suas decisões sozinhos, sendo assim, o aluno da EJA, com a leitura da palavra se torna um cidadão informativo que saiba dar significação na sua vida. Portanto, este aluno da EJA precisa estar sempre buscando cada vez mais aprender a ler dando significação no contexto de leitura, por isso pode ser um livro, um ônibus, um outdoor e tudo que dê significados para sua vida. Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntaria e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta.

Os alunos e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler. Na sala de aula da EJA a leitura é um instrumento muito importante porque, possibilita ao aluno ter mais conhecimentos e, com isto, está sempre aperfeiçoando a leitura e adquirindo conhecimentos diferentes, novos. Isso o torna um sujeito que através da leitura se torna cidadão e se mais produtivo nas suas atividades.

No Brasil, ainda muitos jovens abandonam a escola, isto porque vivemos num país com uma série de problemas sociais, muitos de nossos alunos buscam o mercado trabalho mais cedo, seja por ansiedade ou necessidade. Outro fator de abandono é o desinteresse pelo modelo de ensino ofertado que às vezes não corresponde às expectativas. Mais tarde, já adultos, esses alunos se veem obrigados a retornar à escola, pois a sociedade lhes impõe o domínio pleno da leitura e escrita, e também devido ao universo de informações com as quais se deparam. Outros pela necessidade de se manterem no mercado de trabalho.

Os alunos da EJA apresentam saberes prévios e intuitivos ao ingressar nessa modalidade de ensino. Trazem consigo experiências como indivíduos que já estão inseridos no trabalho e constituíram família. De acordo com Freitas (2014) o importante é pensar no conceito de educação para jovens e adultos; desejo de aprender a ler eles têm, só que de uma maneira mais ampla, característica de quem já tem experiência de vida, uma leitura que vai além de ler apenas palavras.

Os alunos da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada à prática do cotidiano, ao ver e ao fazer. Ao escolher o caminho da escola, eles são levados a operar uma ruptura nessa sua vivência e passar a refletir sobre suas práticas. Essa ruptura leva a uma interrogação que passa a acompanhar o caminho desses alunos, deixando-os preparados para usar o olhar crítico. Uma prática adequada dentro do espaço escolar proporcionará a esses alunos a possibilidade de ficarem abertos à aprendizagem, receptivos, sensíveis, e também ativos: capazes de explorar, investigar, pensar e interferir no que olham.

Também é importante que o aluno da EJA frequente espaços mediadores de leitura: lançamentos, exposições, palestras, debates, depoimentos de autores, seções especializadas em revistas, dentre outros, dessa forma, o professor deverá mediar essas possibilidades criando estratégias criativas que lhe possibilitem vislumbrar e apropriar-se dessa cultura. Hoje a internet é uma ferramenta ideal para trazer o mundo para dentro de sala de aula e que pode facilitar a aproximação da arte e alunos.

Na menção a textos de linguagens diversas em prosa e poesia, além do livro, incluímos jornal, revista, cordel, música, propaganda, quadrinhos, para citar algumas. O hipertexto propicia novos olhares sobre a leitura dos livros. É inegável o seu papel na diversidade de ofertas da produção cultural de nossos dias. A escolha criteriosa e perspicaz do texto assume papel fundamental, levando ao prazer e ao conhecimento. Quando os alunos externam suas ideias e as defendem, a forma como se expressam se aperfeiçoa. Criar situação de exposição pública, deixando-os mais seguros e confiantes para, assim, formar alunos mais críticos, proficientes e leitores de textos de vários gêneros e várias esferas.

3 O PROFESSOR DA EJA COMO FORMADOR DO SUJEITO AUTÔNOMO E CONSCIENTE

O professor, ao adentrar a sala de aula certamente o faz, por conceitos ou por preconceito influenciados. Suas ideologias irão de uma forma ou de outra refletir aquilo que faz na prática. Assim, a formação do professor que almeja uma sala de aula de adultos deve primar por reflexões sobre esses sujeitos, sua formação e sua visão. Não só referente às disciplinas escolares, mas, principalmente à suas reflexões e sobre o que se deve levar em consideração na sala de aula da EJA.

A educação como prática da liberdade enfoca a preocupação do educador com o cidadão em um mundo mais humanizado, ou seja, objetiva tornar homens em sujeitos autônomos e conscientes, tendo como seguir seus objetivos e ideias. Através desse ensino, o educador deve propor (na interação em sala de aula), como conseguir essa autonomia e como ter consciência e reflexão sobre o seu papel enquanto um cidadão transformador. Sendo assim, essa luta do homem para ser livre, e não viver como oprimido, principalmente deixar de ser oprimido para ter liberdade de uma boa educação igualmente a todos.

O educando tendo uma visão ampla da proposta de tornar o sujeito autônimo será um cidadão presente e que saiba acompanhar o contexto pelo qual faz parte. Caso contrário se sentirá oprimido, pois acaba acreditando que não tem capacidade de aprender, mas o educador deve incentivar o educando e mostrar que todos são capazes, basta acreditar e confiar em si mesmo e através da leitura se tornar um ser crítico.

O educador sempre deve saber ensinar com respeito, humildade sabendo lhe dar com o seu aluno desafiando a forma de ensinar, sendo assim, o aluno da EJA aprende muito mais lendo um contexto de leitura de mundo, leitura de um texto e de uma palavra, portanto deve apreciar os contextos vividos e reconhecer a compreensão do aluno em vários aspectos, pois lhe damos com a formação de seres humanos tornando seres marcantes no mundo tendo consciência do que é ensinar e compreender a leitura da palavra para a formação de um cidadão que saiba defender o que compreendeu em sua volta. O professor que assim atua tem no seu ensinar, um momento rico do seu aprender. O professor aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

Para uma educação libertadora, aprender a ler e escrever deve ser o primeiro passo, e respeitar o saber que se forma na vivência cotidiana. Nesse sentido, Paulo Freire revolucionou a educação ensinando a construir sua própria autonomia e afirmando que o ato de educar é um ato de socializar.

O objetivo da educação de jovens e adultos é promover esta ampliação da visão do mundo, pois o educando melhora sua qualificação e sua intervenção nele, e isso é facilitado mediante uma relação dialógica. Portanto, a partir desta ideia os educandos serão produtores de uma cultura mais produtiva que vivenciamos no nosso dia-a-dia.

De acordo com a concepção bancária, cuja educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica nem se pode verificar se há esta superação, ou seja, refletindo, a sociedade aprimora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”. A “educação bancária” mantém e estimula a contradição, pois quem aprende e apenas o educador e o educando só houve não tem direito de pensar, questionar, raciocinar, sendo um mero objeto de sala de aula. Com esta concepção, não tem como um educando sair com olhar diferente. Portanto, deve-se conscientizar o

homem para que a leitura do mundo amplie seu círculo de cultura, pois através dele as pessoas aprendem a ser mais reflexivas e transformadoras. Segundo Freire (1997, p. 58):

Na visão “bancária” da educação, “o saber” e uma doação dos que se julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão, a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo o qual essa se encontra sempre no outro.

Para a sociedade passar por uma transição do aprender com democracia, ou seja, todos buscariam uma educação corajosa, ofertando o direito comum e seu direito a participação a novas experiências correspondente a nova cultura, experiência do diálogo, da investigação. Portanto, essa força de trabalho faria pensar em uma educação para melhorar no futuro.

É necessário que haja uma educação que remete a passagem da transitividade de um ser ingênuo a um ser crítico. Para tanto, coloca-se o homem em condições de resistir aos poderes da emocionalidade da própria transição através de uma educação para todos de forma igualitária. A educação deve possibilitar ao homem a discussão corajosa de sua problemática, sendo assim, ganha força para lutar democraticamente com diálogo constante um com o outro.

Esta expressão de racionalidade, segundo Sócrates, da consciência das próprias limitações, a modéstia intelectual dos que sabem quantas vezes erram e o quanto dependem dos outros até para um conhecimento mais real.

Nos escritos de Paulo Freire (1997, p. 57), foi mostrado o compromisso com a construção de um conhecimento autêntico (que partisse da realidade brasileira, e que desse respostas aos problemas vividos pelo povo) e orgânico (em estreita relação com a realidade vivida, buscando transformá-la), por isto, a palavra mudança está intimamente ligada à compreensão crítica da realidade vivida, ou seja, a leitura do mundo. É apontado por Paulo Freire é a consciência de nosso “inacabamento”, da nossa condição de "sujeito histórico". Ele afirma que [...] o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre homens e mulheres o inacabamento tornou-se consciente.

Em outro momento, Freire define que o que diferencia o ser humano dos outros seres é sua capacidade de dar respostas aos diversos desafios que a realidade impõe. Porém, essa apreensão da realidade e esse agir no mundo não se dão de maneira isolada. É na relação entre homens e mulheres - e entre estes e estas com o mundo - que se constrói uma nova realidade e que se fazem novos homens e mulheres, criando cultura e fazendo história. (1997, p. 51).

A perspectiva freireana parte das interações do homem com a realidade resultante de estar com ela e de estar nela, pela ação de criação, recriação e deliberação de homens e mulheres dinamizando o seu mundo, dominando a realidade, se humanizando, temporizando os espaços geográficos e assim produzindo cultura.

Neste sentido, homens e mulheres, na sua incompletude e na sua afinidade com o mundo e com outros seres, buscando dar réplica aos desafios de seu contexto, edificam o seu conhecimento. Para Paulo Freire (1981), o conhecimento é resultado desse processo, dessa construção coletiva. Por isso, afirma que "Ninguém educa ninguém. Os homens se educam em comunhão" (p. 79). Nessa visão, o conhecimento nasce do ato, da inclusão entre os seres humanos e destes com o mundo e da nossa interferência no mundo, novos conhecimentos vão sendo construídos.

O diálogo torna-se condição para o conhecimento. O ato de conhecer ocorre em um processo social e o diálogo é o mediador desse processo. Transmitir ou receber informações não caracterizam o ato de conhecer.

Conhecer é apreender o mundo e essa não é uma tarefa solitária. Ninguém conhece sozinho. O processo educativo deve desafiar o educando a penetrar em níveis cada vez mais profundos e abrangentes do saber.

Do ponto de vista abordado, não importa onde esse educador trabalhe, a grande dificuldade, ou a grande aventura é como fazer da educação algo que, sendo séria, rigorosa, metódica, e tendo um processo sistematizado, também cria felicidade e alegria, ou seja, na educação de jovens e adultos o educador deve incentivar, motivar o educando, pois estudar não é algo fácil, mas depende do interesse do aluno e da motivação do professor, mas não perdendo o foco destinado ao ensino.

O professor tem o papel de dirigir ou o papel de falar, mas tem obrigação de transformar o falar para em falar com, por exemplo. Então, para muitas pessoas, ia além de alguns riscos que só nos sempre temos nesse relacionamento é algo que não está claro, um dos erros que podemos cometer em nome da liberdade dos alunos e das alunas é se eu, como professor, paralisar minha ação e minha obrigação de ensinar: Em última análise eu deixaria os alunos sozinhos, e isso seria cair em uma espécie de irresponsabilidade. Neste momento, temeroso de assumir a autoridade, eu perco a autoridade. A autoridade é necessária para o processo educacional e também necessária para a liberdade dos alunos e a minha própria.

À medida que ensina e educa, o professor aprende com o aluno e deixa de ser transmissor de conhecimento, mas que também gosta de receber do educando o que aprendeu, ou seja, ao ensinar ele educa e ao educar ele ensina e aprende, diminuindo as barreiras e os obstáculos e sabendo levar a vida com liberdade tornando cidadãos cônscios de sua responsabilidade no mundo.

Esta concepção de educação libertadora exige a dialogicidade, ou seja, a leitura do mundo coletiva. É a partir dela, que o nível de percepção dos educandos, e as suas visões de mundo são organizadas. A realidade imediata vai sendo inserida em totalidades mais abrangentes, revelando ao educando que a realidade local, existencial possui relações com outras dimensões regionais, nacional, continentais, planetária e em diversas perspectivas: social, política, econômica que se interpenetram.

Isto faz o sujeito ter uma postura diante da realidade e do ato de conhecer fundamentalmente a vida, a sua curiosidade. Esta que se fez epistemologicamente visto que assumida como compromisso de tornar a leitura mundo, cada vez mais, identificada e sofisticada face os fenômenos que integram e condicionam nossa existência.

Quanto mais seguro você for, quanto mais clara for sua compreensão de mundo, tanto mais você receberá que está aprendendo a pôr a compreensão em prática, você sabe que está muito longe de realizar seu sonho, mas se não fizer alguma coisa hoje, irá se tomar um obstáculo para centenas de pessoas que ainda não nasceram. A ação dessas pessoas no século vindouro depende de nossa ação hoje. Acho que esse tipo de educador tem que ter isso bem claro.

O pensamento crítico ajuda, portanto, a criar algo interessante em nossa forma de viver e os educandos da EJA não ficam imobilizados naquilo que não lhes interessa, mas se tornam sujeitos críticos que sabem lutar pelos seus ideais a fim de saber o que fazer diante de qualquer situação. Mas o primeiro passo é acreditar em si mesmo, lutando e agindo, enfrentando todos os obstáculos sem medo e com muita força para alcançar seus objetivos ao longo do caminho. Isso talvez seja sonho, mas um sonho muito bem sonhado por Paulo Freire e que, se seguido, renderá bons frutos.

Por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da encenaste ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico correspondente um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura de mundo, leitura do texto e leitura do contexto.

O ponto de vista de ensinar a leitura é um ato muito importante para a sociedade, ler implica sempre em querer ler mais e mais. Portanto, deve ser algo prazeroso e não uma mera obrigatoriedade para obter nota. Porém, a leitura não é um exercício nada fácil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha.

De acordo com Freire, para alfabetizar jovens e adultos tem-se como um fio condutor não apenas o campo cognitivo, mas os campos sociais e políticos. Portanto, a utilização das palavras geradoras e do círculo de cultura assume papel essencial no ensino.

A proposta de utilização dessa metodologia na alfabetização de jovens e adultos foi bastante inovadora e diferente das técnicas até então utilizador, que eram, na maioria das vezes resultado de adaptações simplistas das cartilhas. Foi diferente possibilitar uma aprendizagem não mecânica, que requer uma tomada de posição diante dos problemas que vivemos. Uma aprendizagem integradora, abrangente, não fragmentada, com forte teor ideológico. Foi diferente, pois promovia a horizontalidade

da relação educador/educando, a valorização da cultura primeira do alfabetizando, de sua oralidade, enfim, foi diferente acima de tudo, por seu caráter humanístico.

Como caracteriza o autor, o educador que trabalha com a EJA deve sempre procurar motivar suas aulas, dando oportunidades do aluno dialogar, a fim de buscar respostas que superem as dificuldades que enfrenta no seu cotidiano. Portanto, é muito importante essa educação conscientizadora, libertadora e transformadora de conhecimentos para se tornar através da leitura da palavra um cidadão autônomo, consciente em seus atos sociais, econômicos e políticos.

É na interculturalidade que o sujeito constrói sua identidade que percebe enquanto sujeitos que sente, pensa e age, compreende que é possível transformar o mundo que os mediatiza. Aprender através da realidade, mas não se acomodam diante dela, ao contrário, busca instrumentos para superar os estereótipos, e a prolixidade de preconceitos estabelecida pela cultura alienante e alienada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem como objetivo tratar da Educação de Jovens e Adultos, doravante EJA, a partir da perspectiva da formação do cidadão, ou seja, refletindo sobre esta modalidade de ensino como uma peça fundamental na formação do sujeito enquanto cidadão que atua socialmente. Isso significa pensar referente a postura do professor da Educação de Jovens e Adultos também na sua postura enquanto mediador de conhecimentos que propicia ao educando no que se refere a formação deste como um sujeito que, especialmente, por meio da leitura e escrita da palavra e do "mundo" se tornará um sujeito que compreende tanto os aspectos sociais, como os culturais que foram historicamente constituídos e construídos. Dessa forma, é importante fazer parte de uma história que pode ser construída junto com o indivíduo que cursa a EJA.

O educador da EJA deve, neste sentido, abordar o ensino nesta modalidade como gerador de conhecimentos, para que o educando seja um indivíduo que amplie o seu leque de conhecimentos sobre o mundo em que vive e atua. Isto só será possível através da leitura significativa que parte da vivência e do cotidiano, razão esta, fundamental para compreender o quanto é importante a educação de jovens e adultos. Nesse contexto, o que se tem observado na realidade é um indivíduo com baixa-estima, que acredita que é capaz de seguir seus objetivos de vida aprimorando sempre seu conhecimento através da escola. Uma escola que deve formar cidadãos cônscios e reflexivos.

A leitura na Educação de Jovens e Adultos não pode ficar restrita, se quisermos corroborar a formação de leitores críticos, ao processo de decodificação e ao conteúdo semântico do texto, mas deve se alongar para as relações que os textos estabelecem com as práticas sociais, com os contextos de produção, com as intenções comunicativas de quem escreve e com os saberes que quem lê já possui. Ler criticamente, nessa perspectiva, envolve procurar compreender essas relações.

No processo de fomento a esse tipo de leitura, a escola desempenha uma função importante, uma vez que se caracteriza como o espaço no qual os saberes, as vivências e as leituras dos sujeitos jovens e adultos se encontrarão com novas práticas de leitura, possibilitadas pela ação mediada e planejada do educador. Na busca por caminhos para desenvolver a leitura crítica de educandos jovens e adultos, o papel do educador é fulcral, pois é ele que selecionará, a partir do (re) conhecimento das práticas de leitura que os sujeitos já mantêm, materiais de leitura, definindo os objetivos para as leituras realizadas em sala de aula, de modo a ultrapassar o ler para aprender a ler ou o ler para a realização de atividades automatizadas apenas.

No entanto, o tratamento dado à leitura na escola ancora-se, ainda, em algumas problemáticas que estão entre os muros da instituição e em outras que se situam além-muros: a supervalorização do conteúdo pelo conteúdo, a formação deficitária do professor que, em muitos casos, não se formou leitor, a alfabetização problemática oferecida a muitos jovens e adultos, a má distribuição dos bens culturais no seio social, dentre eles o livro, a falta de bibliotecas em boa parte das escolas, e a falta de otimização das que existem, o autoritarismo que ainda permeia as relações escolares, enfim.

Existem inúmeras realidades que emperram o processo de criação de uma capacidade e de uma necessidade de leitura, contraproducentes à formação de um leitor consciente, capaz de ler e constatar, ler e cotejar, ler e transformar, ler e descortinar novos caminhos, ler por prazer e ter prazer ao ler. Esses empecilhos dificultam – e muito – o trabalho com a leitura, entretanto não podem nos impedir de buscar desenvolver na EJA práticas de leitura que auxiliem na formação crítica dos educandos, de um lado possibilitando aos sujeitos

A conclusão a que chegamos é a de que a mediação professor-aluno se constitui como estratégia de ensino essencial para o desenvolvimento da habilidade de leitura. Não se ensina a ler mandando o estudante ler, seja de maneira silenciosa ou em voz alta. Da mesma forma que não se ensina a ler lendo os textos para analisá-los apenas gramaticalmente. Ensinar a ler pressupõe ensinar estratégias de leitura e esse ensino precisa ser sistemático, organizado e com constante mediação do professor.

A certeza de que precisamos ensinar estratégias de leitura e que a utilização dessas estratégias pelos estudantes contribui sobremaneira para a melhoria da compreensão que têm de vários textos de diferentes gêneros.

Dessa forma, o trabalho contribuiu para que respondêssemos às três perguntas inicialmente levantadas, de forma a reafirmar que a tarefa do professor enquanto um sujeito mediador no ensino da leitura é fundamental.

O trabalho contribui ainda para a minha maior profissionalização como professor de língua portuguesa da educação básica, na medida em que percebi o quanto é importante adotar diferentes e variadas estratégias de mediação no ensino da leitura.

Percebemos que quando estamos no meio do processo, temos a liberdade para interrompê-lo, para começar de novo, para interceder e gerar um equilíbrio e propiciar a aprendizagem. Durante o processo de leitura, se o professor está junto, ele pode usar diferentes estratégias, conhecimentos e habilidades para explorar a fundo cada descoberta, garantindo-lhe possibilidades de participação na construção do sentido e articulando as novas informações com o conhecimento prévio desse aluno.

Os leitores são diferentes e a escola precisa estar atenta para não os tratar como uniforme. As diferenças devem ser respeitadas e consideradas. O conhecimento prévio de cada sujeito é diferente, assim, sua opinião e seu ponto de vista também são distintos, variando de acordo com as experiências vivenciadas. O importante é que se dê a oportunidade de o aluno manifestar-se e expressar-se, assim como ouvir o outro, e, a partir daí, confirmar ou refutar suas hipóteses iniciais. Desse modo, a escola não pode ignorar as múltiplas possibilidades de leitura, deve-se valorizar a multiplicidade, utilizando e considerando a criatividade de alunos e professores, já que o presente trabalho confirma que para que possamos formar leitores críticos e proficientes, realmente precisamos ouvir para intervir e sugerir.

Outrossim, comprovamos que o professor pode orientar os alunos no sentido de que, por meio de atividades sistemáticas e da observação minuciosa de elementos de cada texto, é possível a tomada de uma postura crítica frente a ele, sendo que a compreensão está diretamente relacionada à postura de análise. Evidencia-se assim, que o professor precisa ir muito além da decodificação e do significado literal e compreender os elementos que seduzem, sugerem e persuadem o leitor.

A fragilidade do sistema educacional brasileiro requer políticas educacionais verdadeiramente comprometidas com uma educação de qualidade, voltada para a formação de cidadãos conscientes, objetivando mudanças que levem a uma sociedade mais justa, compreendendo o acesso à cultura letrada como algo que possibilitará uma participação ativa no mercado de trabalho, da política e da cultura como instrumento indispensável para uma presença significativa na convivência social contemporânea.

Trabalhar a Língua Portuguesa não é apenas reproduzir conhecimentos já estabelecidos, é discutir a relação do sujeito e seu estar no mundo, o aluno precisa estar inserido em um processo que o faça desenvolver seu espírito crítico. A Literatura favorece essas relações através do contato com livros e sua experiência com a leitura.

A escola precisa efetivamente incentivar os alunos a lerem, pois assim eles verão o mundo de forma mais sensível e criticamente, percebendo o mundo em que vivem e suas diversidades. O professor como mediador desse mundo de leitura tem um papel decisivo na medida em que oferece a possibilidade de nossos estudantes de conhecer a palavra em sua plena forma de uso, como arte, como divulgadora de mundos, sonhos e esperanças.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação.** São Paulo: Editora Parábola, 2009.

ARROYO, M. **A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão.** In.: Alfabetização e cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos. n. 11, abr. 2001.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, [1952/1953] 2003.

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. Parecer CEB nº. 11/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos**. Brasília: MEC, maio 2000.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental – língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAFIERO, D. **Leitura como processo: caderno do professor**. Belo Horizonte: Ceale/FAE/UFMG, 2005.

CAFIERO, D. **Letramento e leitura: formando leitores e críticos. Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Coleção Explorando o Ensino. V. 19, p. 85-106, Brasília: Ministério da Educação, 2010.

COSCARELLI, C. V. **Entendendo a leitura. Revista de Estudos da Linguagem.** Belo Horizonte: UFMG. v. 10, n. 1, p.7-27, jan./jun. 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 47 ed. São Paulo, Cortez, 2005.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** Tradução de Kátia de Mello e Silva. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

KLEIMAN, Â. & SIGNORINI, I. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas - SP: Mercado das Letras, 1995.

KLEIMAN, Â. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Pontes, 2004.

KLEIMAN, Â. **O texto e o leitor: aspectos cognitivos da leitura.** Campinas: Pontes, 2013.

SILVA, Ezequiel T. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1984.

SOARES, M. A**s condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da; ZILBERMAN, Regina. Leitura: perspectivas interdisciplinares. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004, p. 18-29.

SOLÉ, I. Estratégias de leitura. 6.ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.